

COMUNICAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

EDUCAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS E LINGUAGENS

ORGANIZADORAS

ROSIANE XYPAS, ELAINE M. COSTA-FERNANDEZ
& CANDY MARQUES-LAURENDON

COMITÉ CIENTÍFICO

Prof. Abhijit Karkun (Jawaharlal Nehru University/Índia)

Profa. Aline Gohard (Université de Fribourg/Suíça)

Profa. Catherine Reginensi (Universidade Estadual do Norte Fluminense/
Darcy Ribeiro/Brasil)

Prof. Constantin Xypas (Université Catholique de l'Ouest/França)

Profa. Fatima Moussa (Université d'Alger/ Argélia)

Profa. Michèle Vatz- Laaroussi (Université de Sherbrook/Canadá)

Profa. Odette Lescarret (Université de Nîmes/França)

Prof. Patrick Denoux (Université de Toulouse Jean Jaurès/França)

Profa. Rosalina Chianca (Universidade Federal da Paraíba/Brasil)

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

-
- C741 Comunicação e interculturalidade : educação, novas tecnologias e linguagens [recurso eletrônico] / Organizadoras : Rosiane Xypas, Elaine M. Costa-Fernandez, Candy M. Laurendon. – Recife : Ed.UFPE, 2018.

Vários autores.
Inclui referências.
ISBN 978-85-415-1003-5 (online)

1. Intercâmbio cultural e científico. 2. Territorialidade humana
3. Redes de informação. 4. Relações culturais 5. Mobilidade social. I. Xypas, Rosiane. II. Costa-Fernandes, Elaine Magalhães. III. Laurendon-Marques, Candy.

303.482 CDD (23.ed.) UFPE(BC2018-033)

Capítulo 1

As abordagens interculturais como novo campo de saber e de atuação profissional do Psicólogo

Elaine Costa Fernandez

Sylvia Dantas

Lucienne Martins Borges

Introdução

Durante o colóquio ARIC 2016 em Olinda, um simpósio foi realizado com o apoio do Conselho Federal de Psicologia (CFP) com o objetivo de abrir uma discussão sobre as especificidades e perspectivas das abordagens interculturais como novo campo de saber e de atuação profissional do psicólogo brasileiro. Trata-se de definir a abrangência da perspectiva intercultural, que mesmo se ainda não reconhecida pela categoria como uma especialidade profissional, vêm ganhando destaque em sociedades contemporâneas cada vez mais interdependentes e interconectadas. Isto porque num mundo globalizado, dominado pela mobilidade, por questões transnacionais como a do desenvolvimento sustentável e por sujeitos cosmopolitas, nômades, os conflitos decorrentes das rupturas e do múltiplo pertencimento cultural são cada vez mais frequentes. De que instrumentos conceituais e metodológicos dispõe o psicólogo para avaliar e acompanhar o sujeito na adoção de estratégias adaptativas frente à fragmentação identitária do mundo pós-moderno? Que seja nas organizações, na clínica, na justiça ou na escola, as questões interculturais ganham terreno deixando os profissionais sem recursos técnicos, conceituais nem emocionais para compreender e intervir. Cabe então ao psicólogo como professor, clínico ou supervisor contribuir para a compreensão das repercussões subjetivas dos deslocamentos, das rupturas tanto linguísticas quanto afetivas e de suas reconstruções.

Este artigo, escrito por três professoras e pesquisadoras com grande experiência na área, visa ilustrar esta problemática com seus projetos atuais e futuros para a vida acadêmica brasileira. Inicialmente Elaine Costa Fernandez, a partir de suas atividades de ensino e pesquisa no Polo de Psicologia intercultural do Laboratoire des Cliniques Pathologique et Interculturelle (EA 4591) da Universidade de Toulouse Jean-Jaurès/França (UT-JJ) apresenta os princípios conceituais, éticos e metodológicos da formação profissional do psicólogo intercultural e o projeto de implantação desta perspectiva na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em seguida Sylvia Dantas (DeBiaggi) recapitula a criação deste campo de saber no Brasil e a criação do Serviço de Orientação Intercultural na USP e posteriormente do Núcleo de Pesquisa e Orientação Intercultural na Universidade Federal de São Paulo vinculado ao diretório do grupo nacional de grupos de pesquisa do CNPq e do grupo de pesquisa 'Diálogos Interculturais' no Instituto de Estudos Avançados IEA da Universidade de São Paulo (USP). Em conclusão, Lucienne Martins Borges, pesquisadora na área das migrações, refúgio e saúde mental partirá de sua experiência na Universidade de Laval (Quebec) para apresentar as atividades de pesquisa, de formação e de extensão desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) e do Grupo de Pesquisa "Psicologia, cultura e saúde mental na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Da formação do psicólogo intercultural no contexto acadêmico francês à criação de uma linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A criação dos primeiros cursos de Psicologia intercultural na Universidade de Toulouse foi uma experiência inovadora no contexto sociocultural e político francês dos anos 80. Esse movimento dava prosseguimento ao surgimento da antropologia psicológica inaugurada pelos americanos, em particular a corrente "cultura e personalidade" (BATESON, 1956, CASMIR, 1978) e representada na França pelos trabalhos de Roger Bastide. Ele se inseria num contexto global de in-

tensificação de migrações e de trocas internacionais propícias às interpenetrações de culturas, criando dificuldades e conflitos tanto na área econômica, sociológica, ideológica quanto científica e humana. (COSTA-FERNANDEZ & GUERRAUI, 2009). A inauguração deste novo campo de saber foi motivada também pelo fato de, até então, as questões do contato de culturas, a análise das disfunções por elas acarretadas, assim como as soluções imaginadas para superá-las, serem frequentemente apreendidas sem consideração do ser psicológico. (CLANET, 1986). Esse movimento inédito no meio acadêmico correspondia também a um engajamento político, a uma tentativa de favorecer, ao invés de sociedades multiculturais marcadas pelo conflito, oposição ou superposição de culturas, à formação de sociedades interculturais nas quais os grupos, valores e representações culturais seriam chamados a interagir. (GUERRAUI & COSTA-FERNANDEZ, 2007).

No contexto sociocultural da época, o conceito “intercultural” era visto como um desafio complexo, visando fazer interagir diferentes níveis de reflexão e ação tanto econômico, social e político quanto educativo e pedagógico. Nesta perspectiva, a postura intercultural, além de estar associada a uma avaliação política fundamental, passa a exigir um estado de espírito, um olhar cruzado e articulações paradoxais entre a análise e interpretação dos pesquisadores, a teoria e as realidades de campo, a experiência vivida, relatada ou observada. Para Claude Clannet, da Universidade de Toulouse e Pierre Dasen da Universidade de Genebra, entre outros europeus, tornava-se necessário pensar as sociedades pluriculturais, formadas por grupos de origens culturais diferentes e marcadas pela desconfiança, a estigmatização e a denegação das especificidades culturais que as compõem. Estas sociedades, mesmo se multiculturais, impedem todo encontro verdadeiro entre as comunidades, despertando atitudes defensivas de fechamento, rejeição e supervalorização do seu próprio grupo, o que leva inevitavelmente ao afronto entre culturas. Foi então fundada a « Association Internationale pour la Recherche Interculturelle » (ARIC) com o objetivo de promover uma rede científica de língua francesa sobre as problemáticas interculturais. Este projeto visava prioritariamente ressaltar as especificidades das sociedades interculturais

[...] que mesmo afirmando a necessidade de normas e de linguagens comuns, fossem capazes de criar um espaço para as minorias e nas quais a diversidade pudesse ser percebida como fonte de enriquecimento mútuo, ou seja, sociedades fundadas no reconhecimento das diferenças culturais, na abertura de diferentes conjuntos culturais e na aceitação da mudança. (texto de introdução dos atos do colóquio de 1985 que marca a criação da ARIC, in Clanet, 1986).

Os primeiros cursos de psicologia intercultural ministrados na Universidade de Toulouse focavam as problemáticas aculturativas de populações migrantes. Eram abordadas, em particular, as numerosas consequências sociais e psicológicas da situação de trabalhadores, estudantes migrantes e seus familiares, vítimas de violência provocada por deslocamentos forçados, situações de exílio, perseguições políticas. A criação do Master 2 Profissional em Psicologia Intercultural nos anos 2000 visava formar profissionais de psicologia aptos à análise das repercussões subjetivas dos deslocamentos, das rupturas tanto linguísticas quanto afetivas e de suas reconstruções.

Até os anos 90, os trabalhos de pesquisa foram essencialmente centrados em problemáticas migratórias, como inserção, integração e formação de migrantes. A maioria dos estudos e dissertações tratava dos aspectos identitários e das dificuldades de socialização e de escolarização de descendentes de migrantes (MESMIN, 2001). Mais tarde, ocorreu-se uma abertura epistemológica caracterizada pela extensão das noções de cultura e de interculturalidade. Pesquisadores como Marandon, Denoux, Malik, Guerraoui, Costa-Fernandez, Reveyrand-Coulon se interessaram com os processos de interculturalização, intervindo em diferentes situações de ruptura cultural de código, de sistemas de significação além da ética (CLANET 1990, DENOUX, 1994, GUERRAOUI, 2000, 2009). Priorizar a perspectiva intercultural significa considerar a noção de pertencimento cultural como essencial para apreensão da singularidade do adolescente e de suas identidades, cada vez mais fragmentadas e múltiplas na contemporaneidade (HALL, 2006). Parte-se do postulado

central da psicologia intercultural segundo o qual o sujeito se individualiza no contato do sistema cultural que ele contribui a constituir. Neste ponto de vista torna-se impossível qualquer análise intrapsíquica sem o desvio da exterioridade, da diversidade e da pluralidade de contextos. Os estudos e as atividades de pesquisa passam a se interessar às variáveis psicológicas em contexto, sem se focalizar unicamente na população migrante, que passa a ser uma população de estudo entre outras. Um grande banco de dados começa então a se constituir com dissertações e teses sobre o laço cultura-psiquismo, a unidade e adversidade do gênero humano, a universalidade e/ou a relatividade na estruturação psíquica, a questão da relação com a alteridade para melhor entender as dinâmicas interculturais (crise, conflito, ruptura, superação etc.).

Ao retornar ao Brasil em 2010, Elaine M. Costa Fernandez passa a integrar o grupo de pesquisa "Processos Sociointerativos, Psicossociais, Práticas coletivas e Desenvolvimento Humano" (Labint) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE coordenando uma pesquisa sobre "Os aspectos interculturais do impacto das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) nos processos de subjetivação e de socialização de jovens na França, no Brasil e no Vietnã". Desde então a perspectiva intercultural passa a fortalecer a formação de recursos humanos, tanto ao nível do ensino acadêmico quanto da extensão, em temáticas de prioridade das Políticas Públicas Sociais do Estado de Pernambuco, como movimentos sociais e reconfigurações territoriais, minorias culturais e crise de identidade, mobilidade, inclusão digital e interculturalidade.

Além de inúmeras trocas científicas e humanas, duas dissertações de mestrado foram concluídas nesta temática: "Construções e especificidades da identidade em pessoas com múltiplo pertencimento cultural na cidade do Recife" de Filipe de Soto Galindo e "Estratégias identitárias e processos interculturativos na mobilidade estudantil da UFPE/Recife" de Dayana Saboia. Atualmente uma tese de doutorado em co-orientação Labint/LCPI está em andamento sobre a "Influência do contexto cultural nas escolhas de estratégias identitárias individuais e coletivas em situação de mobilidade: o caso de sujeitos latino-americanos residentes em Toulouse" de Filipe Galindo.

Do início da Psicologia intercultural no Brasil à criação do núcleo de Pesquisa e Orientação Intercultural na Universidade Federal de São Paulo

No Brasil, a produção científica brasileira em Psicologia Intercultural amplia-se nas décadas de sessenta e setenta. Aniela Ginsberg, psicóloga polonesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Arrigo Leonardo Angelini, na Universidade de São Paulo são seus precursores no país conforme relatamos anteriormente (DE BIAGGI & PAIVA, 2004).

Interessante resgatar um pouco da história da área e sua influência no Brasil a fim de compreendermos seus desenvolvimentos. Em 1966 há um encontro de psicólogos sociais na Nigéria preocupados com os problemas psicológicos dos países em desenvolvimento. Daí inicia-se o Cross-Cultural Social Psychology Newsletter (Boletim de Psicologia Social Intercultural) do qual Arrigo Angelini é um dos editores associados, através da USP. Naquele ano um diretório de psicólogos pesquisadores interculturais é publicado no então fundado International Journal of Psychology. E em 1970 é fundado o Journal of Cross-Cultural Psychology e dois anos depois John Dawson funda a IACCP International Association for Cross-Cultural Psychology reúnem-se a cada dois anos. Em 1980, um marco na área é publicado, os seis volumes do "Handbook of Cross-Cultural Psychology" (Manual de Psicologia Intercultural), editado por Harry Triandis e colaboradores, e em 1997 publica-se a segunda edição. Em 1992, faz-se um esforço de aproximação entre a associação de língua francesa fundada em 1984 ARIC, mencionada acima, e a International Association for Cross-Cultural Psychology. O Campo conforme Berry (1997) é amplo e sofreu muitas mudanças. O que o unifica é a proposição de incorporar a cultura como fator fundamental na conduta humana em contraste com a longa rejeição por parte da psicologia da dimensão cultural. Sua amplitude advém da diversidade de conceituação de fatores culturais e sua relação com a conduta humana. O denominador comum corresponde à perspectiva universalizante da suposição de que processos psicológicos são compartilhados por todos os humanos, mas sua forma de desenvolver-se e expressá-los variam conforme a cultura.

Dentre as mudanças no campo, passou-se de uma preocupação com o 'outro', o não ocidental, e de validação de hipóteses e conclusões de um contexto cultural norte-americano e europeu para outras populações, que está associado a uma imposição da metodologia ética, para a investigação de fenômenos psicológicos não disponíveis na primeira cultura. Assim, uma mudança no sentido êmico, ou seja, para uma psicologia cultural, indígena e étnica. Posteriormente, há uma modificação no sentido da integração desses dois movimentos, associada assim a um ético derivado, gerando uma panpsicologia. Interessante notar que, se a intenção era questionar os pressupostos etnocêntricos das teorias psicológicas, os psicólogos de países ditos desenvolvidos e ocidentais, acabavam por reproduzir aquilo que criticavam uma vez que o olhar ocidental era visto como referência. Berry aponta que os estudos interculturais têm sido cada vez mais desenvolvidos por psicólogos antes considerados os 'outros'. Junto a essa mudança, há cada vez mais estudos acerca de grupos que coexistem em sociedades plurais e que se influenciam mutuamente além de serem influenciados pelas instituições que compartilham na sociedade (como educação pública, mídia, sistema judicial etc.). Essa linha de estudo tem sido denominada de formas diversas como aculturação psicológica, psicologia étnica e na língua francesa de psicologia intercultural. Aqui cabe apontarmos um aspecto semântico. Na literatura francesa em psicologia, o termo *interculturalisation* ou *interculturel* tem um sentido próximo ao de aculturação psicológica, que são parte dos estudos da psicologia *cross-cultural* da literatura de língua inglesa conforme indicam Sam e Berry (2006). No entanto, a psicologia *cross-cultural* no Brasil foi traduzida por Paiva (1979) em seu livro introdutório da área como psicologia intercultural. Mas convém apontarmos essas diferenças a fim de compreendermos seus respectivos campos. Enquanto o *cross-cultural* realiza pesquisas e estudos que abarcam a comparação de fenômenos psicológicos entre culturas nas diversas áreas da psicologia, o intercultural refere-se ao contato entre culturas. Em 2006 é publicado o "The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology" organizado por David Sam e John Berry. E em 2016 lança-se sua reedição e contribuimos com capítulo acerca dos processos de aculturação na América do Sul (ESPINOSA & DANTAS, 2016).

Conforme mencionado, a psicologia intercultural utiliza uma ampla base de teorias para organizar dados e análises, mas caracteriza-se por um conjunto único de métodos que direciona as pesquisas e sua aplicação em diversos âmbitos de atuação, como clínico, social, organizacional, educacional, de saúde. O enfoque intercultural promove uma visão ampla, dinâmica e flexível dos fenômenos psicossociais e entende o desenvolvimento humano e suas manifestações decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos (BERRY, POORTINGA, SEGALL & DASEN 1992).

Nesse sentido, parte-se de uma abordagem êmica, considerando aspectos específicos da cultura, estuda-se o comportamento a partir do interior do sistema; examina-se uma cultura apenas; o analista descobre a estrutura; os critérios são relativos às características internas. E de uma abordagem ética, aspectos gerais, em que se estuda o comportamento de uma posição externa ao sistema; examinam-se mais culturas, comparando-as umas com as outras; o analista cria a estrutura; os critérios são considerados absolutos ou universais. Assim, busca-se o universal a partir da compreensão do particular. Na área clínica, conforme mencionamos anteriormente (DEBIAGGI, 2008; DANTAS, 2011, 2016) a terapia e orientação intercultural são uma área emergente, notada por seu potencial e por ser um campo que desafia a considerar nossos pressupostos, valores, métodos como culturalmente limitados e assim sempre colocados em suspenso. Além dos eixos êmico e ético, há o *Autoplastic-Alloplastic*. Todos nós respondemos a situações mudando a nós mesmos (*autoplastic*) ou ao ambiente (*alloplastic*) ou combinando estas duas operações em diferentes proporções. Cabe assim a pergunta se também as psicoterapias ou aconselhamentos entre culturas não estão orientadas a mudar o indivíduo ao invés do ambiente? Nesse sentido, a orientação e psicoterapia intercultural vêm também questionar o que se considera inserção social ou ainda adaptação cultural.

As pesquisas sobre o processo de aculturação renovaram profundamente a concepção que os pesquisadores tinham de cultura, partindo-se agora da aculturação para compreensão da cultura, como sugere Cuche (1999). Toda cultura é um processo permanente de construção,

desconstrução e reconstrução que em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural torna-se extremamente dinâmico. Lembrando que as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais.

No final da década de setenta Paiva (1979) publica no Brasil o primeiro livro introdutório sobre a área de Psicologia Intercultural, uma importante referência da área em nosso país. Após início dos anos oitenta o estudo nessa área parece se dissipar no Brasil. Se a área havia ficado de certa forma adormecida na década de oitenta, na década de noventa, ressurge o interesse pela Psicologia Intercultural por parte de pesquisadores brasileiros, em função da emigração brasileira. Dantas (DEBIAGGI, na época) tendo realizado pesquisas sobre famílias brasileiras imigrantes nos EUA (DEBIAGGI, 2002) entra em contato com a 'Cross-cultural Psychology'. No retorno ao país, trabalha com Geraldo Paiva. Na Universidade de São Paulo em 2002 ambos organiza no Instituto de Psicologia o simpósio internacional 'Psicologia, E/Imigração e Cultura: um tema antigo recente'. John W. Berry, um dos fundadores da psicologia intercultural anglófona da Universidade de Queens no Canadá e Jean S. Phinney, psicóloga do desenvolvimento da Universidade da Califórnia de Los Angeles, são conferencistas convidados. Como resultado do simpósio publica-se em 2004 o livro *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (DEBIAGGI & PAIVA, 2004). É fundado na USP o grupo de pesquisa *Psicologia, E/Imigração e Cultura* inscrito no diretório nacional de grupos de pesquisa do CNPq. Em meados de 2003 é criado o Serviço de Orientação Intercultural no Instituto de Psicologia da USP, como parte da pesquisa, 'Intervenção psicossocial no processo de inserção cultural' desenvolvida por Sylvia Dantas e Geraldo Paiva. O mesmo oferece orientação e atendimento psicológico intercultural em psicoterapia breve individual, familiar e grupal para imigrantes, brasileiros descendentes de imigrantes, brasileiros retornados do exterior e brasileiros que iriam emigrar. Realizam-se também workshops e assessorias interculturais a organismos e instituições. O projeto desenvolve-se com o objetivo de consolidar a Psicologia Intercultural. Oferece-se disciplina na área e supervisão dos atendimentos. A equipe de Orientação Intercultu-

ral na USP foi composta por profissionais alunos do programa de pós-graduação e orientandos em psicologia social com formação anterior em diferentes abordagens teóricas (psicanálise, sistêmica, existencial-fenomenológica, psicodramática) também atravessados por experiência intercultural. O Serviço de Orientação Intercultural foi desenvolvido na USP até 2009. A pesquisa-intervenção pauta-se na abordagem intercultural, mas vai se delineando um novo modelo em que conceitos da abordagem intercultural são articulados com a perspectiva psicodinâmica, a partir da prática clínica, propondo-se assim uma abordagem intercultural psicodinâmica (DANTAS, 2008, 2011, 2012). Articulada a compreensão psicológica intercultural e psicodinâmica do imigrante, buscamos demonstrar como a compreensão profunda daquele que migra (GRINBERG & GRINBERG, 1989) requer a contextualização sociológica, antropológica e histórica da situação do mesmo a fim de não incorrerem em visões reducionistas, unilaterais ou patologizantes do outro. Reduccionismos estes já alertados por Bastide que parte da idéia de que o cultural não pode ser estudado independentemente do social. Para ele, o grande limite do culturalismo americano nos trabalhos sobre a aculturação é a ausência de relação do cultural com o social. No culturalismo há um risco de redução dos fatos sociais a fatos culturais e inversamente, pode-se dizer que existe o que se poderia chamar de 'sociologismo', um risco de redução dos fatos culturais a fatos sociais, conforme Cuche (1999). Termos e conceitos transitam entre essas diferentes disciplinas que contribuem para compreensão do fenômeno migratório.

Em nossa prática psicossocial essa compreensão tem se mostrado de extrema valia para o trabalho de prevenção em saúde e entendimento de nosso papel no âmbito intercultural dentre a realidade brasileira. O nome orientação ao invés de clínica é utilizado dado a grande população nipo-brasileira em São Paulo e o fato de que para cultura japonesa o sofrimento psíquico é ainda um tabu, considerado algo que envergonha o grupo familiar, ocupacional (DANTAS, 2008). Em 2010 cria-se o Núcleo de Pesquisa e Orientação Intercultural na Universidade Federal de São Paulo havendo uma maior demanda de atendimento por parte de

brasileiros retornados (PAINI, 2014). No final de 2009, cria-se o grupo de pesquisa Diálogos Interculturais no Instituto de Estudos Avançados da USP coordenado por Dantas. Um grupo interdisciplinar e interinstitucional. Em 2012 o livro "Diálogos Interculturais" é lançado abrangendo além da produção do grupo, os trabalhos realizados pela equipe de Orientação Intercultural (DANTAS, 2012).

Criação de um núcleo de estudos sobre Psicologia, migrações e Culturas (NEMPsiC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a partir da experiência do SAPIR na Universidade de Laval, no Quebec

O Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) coordenado pela professora Lucienne Martins Borges foi constituído em 2014 como uma estrutura de pesquisa, de formação e de intervenção vinculada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Com o objetivo geral de focalizar os fazeres psicológicos no contexto da Psicologia Clínica Intercultural, da Etnopsiquiatria e da saúde mental, o grupo vem se tecendo por meio de projetos junto aos diferentes níveis de atuação do psicólogo e de produção científica no âmbito da psicologia. O NEMPsiC atua em quatro campos de ação: na pesquisa, no ensino, na extensão e na inserção social.

As pesquisas produzidas pelos membros do Núcleo – alunos graduandos e pós-graduandos em Psicologia, professores e colaboradores externos – concernem temáticas relacionadas aos fenômenos migratórios, com ênfase na migração involuntária, isto é, nos movimentos migratórios desencadeados por guerras, genocídios e certas catástrofes naturais. Tais pesquisas são voltadas para a compreensão dos impactos psicológicos provocados por deslocamentos desta natureza; investiga-se o sofrimento psíquico presente nas diferentes etapas do processo migratório (antes, durante e após a migração), suas particularidades e seus quadros clínicos mais frequentes, e a relação que estabelece com a cultura na expressão sintomática. As investigações são norteadas por pesquisas quantitativas e qualitativas e por teorias que se apoiam na Psicanálise e na Antropologia – mais especificamente a Etnopsiquiatria e

a Psicologia Clínica Intercultural (DEVEREUX, 1985; NATHAN, 1986; MORO, 2001).

Outra temática investigada está voltada à necessidade da adaptação das práticas de saúde para o acolhimento de pessoas oriundas de culturas diversas, culturas estas diferentes daquela dos profissionais que atuam no sistema de saúde, na assistência social ou em qualquer outro lugar em que o acolhimento e acompanhamento de imigrantes e refugiados, é realizado. O encontro entre essas duas lógicas culturais diferentes – a lógica do profissional e do imigrante que o procura – pode ser gerador de mal-estar, diante de diferentes visões de mundo, de concepções de doença e de saúde.

As atividades de ensino são intimamente ligadas às teorias que orientam as reflexões teóricas e metodológicas das pesquisas e das práticas do NEMPsiC. As disciplinas na Graduação e na Pós-Graduação em Psicologia buscam familiarizar os alunos às teorias e abordagens interculturais, com ênfase na Etnopsiquiatria e na Psicologia Clínica Intercultural. Tendo em vista a íntima relação que a cultura estabelece com a estruturação psíquica, entende-se que a expressão do sofrimento psíquico se sujeita aos conteúdos culturais disponíveis para sua organização, sua comunicação com o outro e seu tratamento. Assim, a cultura é amplamente estudada durante os encontros teóricos e a compreensão deste construto é articulado entre as teorias psicanalíticas e antropológicas.

Dentre as atividades de extensão realizadas pelo NEMPsiC, as permanentes são aquelas que proporcionam atendimentos psicológicos a imigrantes e refugiados e os grupos de estudo. No primeiro grupo de atividades de extensão – os atendimentos clínicos em psicologia – podemos apresentar dois projetos: a Clínica Intercultural e o Acolhimento Psicológico e Grupos de Conversa com Imigrantes e Refugiados. A Clínica Intercultural, fundada em fevereiro de 2012 (antes do NEMPsiC), é uma adaptação do Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés (SAPSIR[®]) e apoia-se no modelo epistemológico e metodológico deste último. De forma breve, o SAPSIR[®] surge, no ano de 2000, na Universidade Laval (Québec, Canadá) e suas atividades foram

realizadas, até 2013, na Clínica de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Laval. Desde então, o SAPSIR[®] passa a integrar o sistema público de saúde e assistência social, na cidade de Québec. Com um aporte teórico e metodológico apoiado na Etnopsiquiatria, o SAPSIR[®] protagoniza a diferença cultural no seu modelo de intervenção e tem a cultura como uma parte indissociável das produções psicológicas em todas as dimensões da vida do sujeito. O dispositivo clínico adotado é o da coterapia (POCREAU; MARTINS-BORGES, 2013), em que os atendimentos psicológicos são realizados por uma equipe de terapeutas, preferencialmente de diferentes origens culturais. Nos casos de pacientes encaminhados por outros profissionais, solicita-se que o mesmo acompanhe o paciente no primeiro atendimento com o objetivo de transferir a confiança e vinculação profissional atendimento, com o objetivo de transferir a confiança e vinculação profissional (MARTINS-BORGES; POCREAU, 2012).

Em uma perspectiva semelhante à do SAPSIR[®], a proposta principal da Clínica Intercultural consiste em possibilitar uma escuta qualificada, por meio de atendimentos psicológicos a imigrantes e refugiados que atualmente residem na Grande Florianópolis (MARTINS-BORGES; JIBRIN; BARROS, 2015). Os atendimentos são oferecidos no Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina, clínica-escola que acolhe estagiários e projetos de extensão do programa de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia. A Clínica Intercultural iniciou com 3 integrantes/terapeutas e, no ano de 2016, conta com 13 membros, entre alunos de graduação, pós-graduação e psicólogos. No que se refere aos atendimentos psicológicos, os pacientes são encaminhados pelas instituições parceiras ou chegam por demanda espontânea. Os atendimentos podem ser realizados – em alguns casos – na língua materna do paciente e, quando a presença de um mediador/interprete é necessária, espera-se dele não apenas a tradução da língua, mas, igualmente, a validação de dados e práticas culturais que escapam ao conhecimento dos terapeutas e que podem ocupar um lugar determinante no sintoma apresentado. A Clínica Intercultural ocupa, até então, um dos poucos espaços nas Clínicas-Escola de Psicologia no

Brasil que oferece atendimento psicológico especializado a imigrantes e refugiados. Quando necessário, os atendimentos são realizados em outras unidades de saúde da Universidade, como as Clínicas Médicas ou a Unidade de Emergência do Hospital Universitário. Tais ações permitem, ao mesmo tempo em que o atendimento psicológico é realizado, discutir com os profissionais locais sobre as questões interculturais que podem estar agindo – de forma positiva ou não – no acompanhamento do paciente.

Como indicado acima, outro projeto de extensão que oferece atendimento psicológico a imigrantes e refugiados é o Acolhimento Psicológico e Grupos de Conversa com Imigrantes e Refugiados, realizado na Pastoral do Migrante de Florianópolis. Na Pastoral, as intervenções são realizadas em duas modalidades distintas. A primeira consiste em um dispositivo de roda de conversa que visa promover um compartilhamento de experiências acerca dos desafios da migração. A segunda, composta por acolhimentos individuais, é realizada quando se identificada uma situação de sofrimento psíquico. Esses acolhimentos, realizados nos espaços da Pastoral – lugar de maior fluxo de imigrantes em Florianópolis – facilitam o contato com as pessoas e possibilitam a continuidade de um acompanhamento psicológico, uma vez que facilitam o encaminhamento para os espaços da Clínica Intercultural, na Universidade.

Além desses projetos, o NEMPsiC realiza – mas não de forma contínua – apadrinhamento de imigrantes e estudantes estrangeiros da UFSC, com o objetivo de facilitar o acolhimento e a integração na cidade e no CAMPUS. Grupos de apoio com frequência mensal, durante os primeiros seis meses de inserção dos mesmos na comunidade acadêmica, também são ofertados. Grupos de estudo de temáticas correlatas – teorias interculturais, Psicanálise, geopolítica – são realizados mensalmente e são abertos às pessoas da comunidade de Florianópolis.

No que se refere à última categoria de ação, a inserção social, o NEMPsiC faz parte do Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e região (GAIRF), movimento social composto por representantes da sociedade civil, do poder público e da Arquidiocese de Flo-

rianópolis. Assim, o NEMPsiC participa de discussões que objetivam a sensibilização e responsabilização da comunidade e do poder público em relação aos novos fluxos migratórios no Brasil e às condições atuais dos imigrantes e refugiados na região, sobretudo no que se refere às práticas de saúde e de assistência social.

Considerações finais

Como descrito ao longo do texto, a universidade pública brasileira apresenta atualmente ao menos três grupos de pesquisa (UFPE/Recife; UNESP/São Paulo e UFSC/Florianópolis) cujas temáticas se inscrevem na perspectiva intercultural. Nosso objetivo foi de informar o leitor sobre o percurso acadêmico de cada uma das pesquisadoras responsáveis. A diversidade de influências tanto teóricas quanto metodológicas participa da constituição de um campo de novo saber complexo, plural e cada vez mais necessário na formação acadêmica do psicólogo brasileiro.

Referências

- BATESON, G., DON JACKSON, D., HALEY, J. ET WEAKLAND, J. Vers une théorie de la Schizophrénie. Dans : **Vers une écologie de l'esprit, II**. Paris : Seuil, 1956.
- BERRY, J. Foreword. In Berry, J. Segall, M. & Kagitçibasi. **Handbook of Cross-cultural Psychology**. Vol. 3, Social behavior and applications. Boston : Allyn and Bacon, 1997.
- BERRY, J. Migração, aculturação e adaptação. In DeBiaggi, Sylvia Dantas & Paiva, Geraldo. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. SP: Editora Casa do Psicólogo: 2004, p. 29-45.
- BERRY, J. POORTINGA, Y., SEGAL, M. & DASEN, P. **Cross-cultural Psychology: Research and Applications**, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CAMILLERI C. & AL. **Stratégies identitaires**, Paris, Press Universitaire de France. Paris, 1990.

CASMIER F. A multicultural perspective on human communication. In F. CASMIR (Ed.) **Intercultural and international communication** (pp. 241-257). Washington, DC : University Press of America, 1978.

CLANET C. **L'interculturel en éducation et en sciences humaines**. 2 vol. Toulouse, ERESI/ Service des publications de l'Université de Toulouse le Mirail, PUM, 1986.

CLANET C. **L'interculturel: introduction aux approches interculturelles**, Press Universitaire du Mirail. 1990.

COSTA-FERNANDEZ E. & GUERRAQUI Z. **Le Psychologue interculturel**, article mis en ligne sur le site du colloque ARIC 2009. Référence: 0585. french1.

CUCHE, D. **O conceito de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DANTAS, S. **An intercultural psychodynamic counseling model. A preventive work proposition for plural societies**. *Counselling Psychology Quarterly*, v. 24, 2011, p. 1-14.

DANTAS, S. Subjetividade e migração: uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. In - GUANAES-LORENZI, C.; MOTTA, C. CUNHA LIMA da; BORGES, L. MARTINS; ZURBA, M. C.; VECCHIA, M. D. (orgs.). **Psicologia Social e Saúde: da dimensão cultural à político-institucional**. V. 2. Florianópolis: ABRAPSO, 2015.

DANTAS, S. **Migração, prevenção em saúde mental e rede digital**. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* [online]. 2016, vol.24, n.46 , pp.143-157.

DANTAS, S. & ESPINOSA, A. **Acculturation in Central and South America**. In SAM, 2016.

DANTAS, S. **Diálogos Interculturais: Reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais**. São Paulo: IEA-USP, 2012.

DEBIAGGI, S. DANTAS. **Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S**. NY: LFB Scholarly Publishing, 2002.

DEBIAGGI, S. DANTAS & PAIVA, G. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. SP: Editora Casa do Psicólogo, 2004.

DEBIAGGI, S. DANTAS. **Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias**. *REVISTA USP*, no. 79, 2008, p. 165-172.

DENOUX P. Pour une nouvelle définition de l'interculturel In- **J. Blomart & B. Krewer (Eds) Perspectives de l'interculturel** (pp. 67-81). Paris. Ecole Normale Supérieure de Saint Cloud/L'Harmattan, 1994.

DEVEREUX, G. **Ethnopsychanalyse complémentariste**. Paris: Flammarion en éducation et sciences humaines, Toulouse, PUM, 1985.

GRINBERG, L. & GRINBERG, R. **Psychoanalytic perspectives on migration and exile**. New Haven: Yale University Press, 1989.

GUERRAOUÏ Z. & COSTA-FERNANDEZ, E. De la nécessité de la psychologie interculturelle dans la formation des psychologues cliniciens. In. **La Formation professionnelle et les fonctions des psychologues cliniciens**. 1^{er} ed. Paris : L'Harmattan, 2007, p. 166-172.

GUERRAOUÏ, Z. (2009). De l'acculturation à l'interculturalisation : réflexions épistémologiques. **L'Autre, Clinique, cultures et sociétés**. Vol 10, 2, 195-200. (Indexée : INIST-CNRS, MEDLINE.)

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. DP&A, ed. Rio de Janeiro, 2006.

LAMBERT, W. **Introduction to perspectives**. In- **Handbook of Cross-cultural psychology**. Perspectives, vol.1, Boston: Allyn and Bacon, Inc, 1980.

MARANDON, G. **L'empathie et la rencontre interculturelle**. L'Harmattan, Paris, 2001.

MARTINS BORGES, L.; POCREAU, J.B. **Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica**. Estudos de psicologia (Campinas), v. 29 (4), pp. 577-585, 2012.

MARTINS-BORGES, L.; JIBRIN, M.; BARROS, A. F. O. Clínica Intercultural: a escuta da diferença. **Contextos Clínicos**, v. 8(2), pp. 186-192, 2015.

MESMIN C. **La prise en charge ethnoclinique de l'enfant de migrants**, Dunod, Paris, 2001.

MORO, M.R. **Parents en exil**. Psychopathologie et migrations, 2^e édition, 2001.

NATHAN, T. **L'influence qui guérit**. Paris : Odile Jacob, 1994.

PAINI, D. Encontros e desencontros. **Entrementes**, Jornal da UNIFESP, 5(2), 2014, p.5.